

Cidades.

Morto por ter visto assassinato

Um adolescente de 14 anos foi executado, em Vila Velha, por ter testemunhado o homicídio do irmão, ocorrido cerca de 20 dias antes. **Página 9**

EDITORA:
ANDRÉA PIRAJÁ
apiraja@redgazeta.com.br
Tel.: 3321.8446
agazeta.com.br/cidades
gazetacidades

Instituto Jones dos Santos Neves
Biblioteca

Instituto Jones dos Santos Neves
Biblioteca

MEDO DE ASSALTOS

PRAINHA QUER CÂMERAS

CONTRA CRIME NO BAIRRO

Moradores dizem ser reféns de usuários de drogas na região

FOTOS: CARLOS ALBERTO SILVA



Traumatizada

Dona de uma lan house que foi assaltada há duas semanas, Caroline Santiago, 25 anos, vive com medo.

“Coloquei uma câmera aqui, mas falta policiamento do lado de fora”

CAROLINE SANTIAGO, que, após um assalto, vigia da calçada a movimentação da rua



Por conta própria

Roger Zanotti, 45 anos, dono de uma unidade do Banestes Mais Fácil e de uma loja de roupas, montou seu próprio esquema de segurança.

“São nove câmeras, vidro blindado e recomendações aos meus funcionários”

ROGER ZANOTTI, que mantém a porta de sua loja trancada todo o dia

Frederico Goulart
fgoulart@redgazeta.com.br

Assaltos e insegurança. É com isso que os moradores da Prainha, em Vila Velha, estão sendo obrigados a conviver diariamente. Eles reclamam que o bairro – tradicional e histórico – foi abandonado pelo poder público e só recebe atenção em época de grandes eventos, como a Festa da Penha.

Dona de um bar que já foi assaltado sete vezes, uma comerciante que prefere não se identificar conta que há dias em que tem medo de abrir seu estabelecimento. “São dependentes químicos e usuários de droga que aparecem por aqui e fazem pequenos roubos. Deixam todos com medo”, conta.

Ela lembra que há duas semanas ficou horas sentada na praça esperando um grupo sair da porta de sua casa. “Fiquei com me-

PERIGO

7
assaltos

Esse é o número de ocorrências registradas em um único bar.

do de entrar”, lembra.

CÂMERAS

A reclamação principal da comerciante é a mesma do presidente da associação de moradores do bairro, Wolmar José Medici Júnior: a comunidade quer câmeras de videomonitoramento na região.

“Quase toda a cidade já recebeu equipamentos, menos a gente”, disse o representante da comunidade. E ele completa: “No ano passado, instalaram o equi-

pamento em alguns postes na época da Festa da Penha, mas duas semanas depois retiraram. Ninguém entendeu o motivo”.

Segundo a dona de bar já assaltada, o equipamento intimida os bandidos. “Há duas semanas, um grupo ameaçou assaltar a loja. São jovens que dizem estar armados. Com vigilância, eles estariam longe daqui”, acredita.

Vítima de sete assaltos – entre eles alguns à mão armada – em nove anos, o dono de uma padaria que também prefere não se identificar não aguentou esperar. “Instalei câmeras por conta própria e coloquei segurança particular. Se a gente não age, nada muda”, aponta.

MAIS POLÍCIA

nas páginas 9, 10 e 11

Município tem 116 câmeras, e nenhuma na comunidade

Vila Velha conta hoje com 116 câmeras instaladas em várias partes da cidade, e nenhuma fica na Prainha. Segundo a administração municipal, um planejamento para a instalação de novos equipa-

mentos está em fase de elaboração. Mas a pretensão não garante que o bairro será contemplado. As novas regiões serão escolhidas de acordo com os locais onde os índices de criminalidade são maio-

res. Esses números vão ser medidos por um estudo de viabilidade técnica realizado para Secretaria de Prevenção e Combate à Violência, casados com os dados das ocorrências das polícias Militar e Civil.

Área não tem índices altos de violência, diz PM

Não é preciso reforçar o policiamento na região da Prainha. Essa é a posição do major Rogério Lima, subcomandante do 4º Batalhão da Polícia Militar. “Os dados que temos é de que o bairro não está entre os líderes de roubos e assaltos, mesmo

que tenha havido caso de assalto com morte no ano passado”, disse, referindo-se à morte do representante comercial Renato Brahim Guerra, 29, baleado num assalto em frente à casa onde morava.

Segundo o major, mes-

mo que indiretamente, a região tem grande circulação de viaturas, em função da presença de uma companhia de polícia na área.

O subcomandante garantiu que o órgão vai conversar com a comunidade para conferir se as reclamações batem com os dados contabilizados pelo órgão. “Muitas vezes, casos de roubo e furto de menor valor não são denunciados.”